

## RESENHA

**O Banco Mundial: o golpe de Estado permanente**

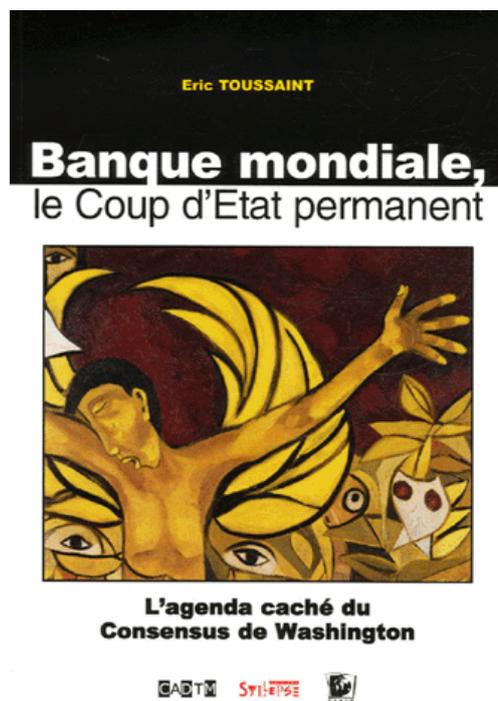
Luiz Jorge Vasconcellos Pessoa de MENDONÇA \*

## RESENHA

Toussaint, Eric. Banque mondiale, le Coup d'Etat permanent. Ed. Syllepse, CATDM. Paris, 2006.

## BOOK REVIEW

Toussaint, Eric. Banque mondiale, le Coup d'Etat permanent. Ed. Syllepse, CATDM. Paris, 2006.



\* Economista. Doutor em Economia pela Université de Paris X, Nanterre. Professor do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo.  
E-mail: ljvpmendonca@gmail.com.

O livro de Eric Toussaint, *O Banco Mundial: o golpe de Estado permanente* surge como uma leitura extremamente elucidativa no momento atual de crise econômica internacional. Em primeiro lugar, mais do que circunscrita ao âmbito financeiro privado, esta crise diz respeito ao modelo de acumulação adotado nas últimas décadas, por conseguinte, também ao papel que os organismos internacionais oficiais exerceram neste período, em especial o Banco Mundial e o FMI. Nesse sentido, os bastidores da geopolítica e da finança internacional é muito bem descrito pelo autor, com base nos historiadores do próprio Banco. Desde sua criação no pós-guerra, fica claro que o BIRD se constituiu apenas como instrumento para subordinar os países mais pobres ao capital internacional.

Em segundo lugar, porque é comum a idéia de que esses organismos podem ter um papel relevante para a retomada do crescimento econômico e social sobre novas bases. Algumas das alternativas apresentadas pressupõem, com freqüência, que o Banco Mundial tem um papel ativo a exercer. A ele caberia assegurar recursos necessários para que os países emergentes investissem na construção de redes sociais de proteção, programas de geração de emprego e aumento da infra-estrutura como formas de combate ao aumento da pobreza acarretada pela crise econômica. No entanto, o que se observou historicamente foi o apoio e o incentivo do Banco apenas às iniciativas cujo objetivo final fosse a privatização de serviços públicos ou a regulação, via mercado, de problemas sociais. A diminuição da vulnerabilidade social, defendida hoje, insere-se nesse contexto. Ela surgiu no horizonte dos anos

1990 e no início da década atual como paliativo contra os crescentes níveis de pobreza, e de forma a evitar o combate as suas verdadeiras causas.

Em terceiro lugar, para a América Latina a história do Banco Mundial é bastante esclarecedora quando se trata da atual criação de novas instituições financeiras pelos Estados latinos, como é o caso do Banco do Sul. Eric Toussaint, sempre com base no levantamento realizado pelos próprios historiadores do Banco Mundial, mostra o quanto a formação do Banco Mundial privilegia determinados interesses em detrimento dos países mais fracos. Ele mostra como o modelo administrativo de gestão do Banco, baseado no maior peso do voto de países com maior participação no aporte de verbas para sua constituição, atende apenas aos interesses econômicos das empresas desses países, e pior, muitas vezes interesses escusos. Fica comprovado que a atuação do Banco acaba por consubstanciar-se em ajuda financeira para as empresas privadas dos países desenvolvidos. Portanto, podemos considerar o livro como um alerta aos anseios de alguns governos latino-americanos que vêem as instituições internacionais como um modelo a ser seguido.

Nos capítulos iniciais sobre as origens do BM, a rivalidade entre os interesses do Estado e de Wall Street fica clara. Se inicialmente tal questão parece resolvida através de sua localização geográfica, em Washington, onde o Estado é mais presente, ocorrem mudanças na direção do Banco ainda em 1947 e os interesses das grandes corporações financeiras passam a prevalecer. São elas que indicam os nomes para os principais cargos,

presidência e diretoria, todos oriundos da esfera financeira. O Banco passa a desenvolver e defender como teoria de desenvolvimento para os países mais pobres uma interpretação baseada na importância dos empréstimos externos, no aumento da especialização produtiva e no aumento das exportações. A cronologia levantada sobre essas idéias mostra que a desigualdade de renda é durante muito tempo vista como etapa necessária à acumulação de capital, com as evidências em contrário sendo recorrentemente desmentidas pelos ideólogos do Banco.

O mesmo ocorre em termos das formas de subjugar a política dos países em desenvolvimento. O livro descreve ora a o papel do Banco Mundial para sustentar governos ditatoriais e se contrapor às ideologias alternativas e contrárias ao capitalismo, como por exemplo no caso da Indonésia e Filipinas, ora descreve como o endividamento externo serviu para que os países desenvolvidos impusessem um conjunto de políticas econômicas em detrimento dos aspectos sociais. Nesse aspecto a história do BIRD não deixa nunca de ser cheia de ensinamentos de como a ortodoxia econômica andou e anda de mãos dadas com objetivos políticos claramente contrários ao respeito dos direitos humanos (políticos, sociais, culturais e econômicos). De como o Banco Mundial e as demais instituições internacionais devem mudar radicalmente para atender aos interesses da maioria, e isto a partir da união dos países em desenvolvimento contra a intervenção espúria dos países ricos.